

nomar



CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA MARINHA / Ano 58 Nº 951 / BRASÍLIA - DF, JULHO A SETEMBRO 2022

Revista Naval 2022

**Evento histórico marcou as comemorações
pelo Bicentenário da Independência do Brasil**



EVENTOS

Marinha do Brasil homenageia o
Dia da Pátria

pg. 16

PODER MARÍTIMO

Submarino "Riachuelo" reforça
a soberania do País na
Amazônia Azul

pg. 26

PODER NAVAL

Operação "UNITAS" LXIII

pg. 30

Centro de Recreação Infantil Pequenos Grumetes

A creche do AMN, agora em Campo Grande

Vagas para
início imediato

Para crianças
entre 4 meses
e 5 anos de
idade

Faça um tour virtual
pela nossa creche



Para mais informações:
(21) 2428-1778

crecheeg-secretaria@abrigo.org.br

OU

"Fale Conosco" do site
www.abrigo.org.br



Rua Elias Lobo, 488, Campo Grande, Rio de Janeiro

Centro de Comunicação Social da Marinha (CCSM)

Endereço: Esplanada dos Ministérios - Bl. N, anexo A, 3º andar

Brasília - DF - CEP 70.055-900

Tel.: (61) 3429-1831

Diretor do CCSM: Contra-Almirante Carlos André Coronha Macedo

Chefe do Departamento de Produção e Divulgação: CF Antonio de Barcellos Neto

Subchefe do Departamento de Produção e Divulgação: CF (FN) Leonardo Sobral Garcia da Silva

Encarregado da Agência Marinha de Notícias: CC (T) Felipe Picco Paes Leme

Editor-Chefe: CT (T) Rafael Dutra de Miranda

Jornalista Responsável: 1º Ten (RM2-T) Camila Marques de Almeida - Reg. MTB 10408/DF

Revisor: 1º Ten (T) Paulo Yan Carlôto de Souza

Diagramação e Arte Final: SO-ET Fábio Coelho Damasceno, CB-ET Fábio Santos Schulze e MN-RC Moisés da Silva Alves

Foto de Capa: 3ºSG-AR Vitor Lima de Oliveira

Tiragem: 3 mil exemplares

MB na Internet: www.marinha.mil.br

Agência Marinha de Notícias: www.marinha.mil.br/agenciadenoticias

A edição número 951 da revista *Nomar* reveste-se de singular importância, visto que traz a cobertura dos eventos alusivos ao Bicentenário da Independência do Brasil, dentre os quais destaca-se a Revista Naval realizada no Rio de Janeiro (RJ), escolhida como matéria de capa deste periódico.

A Marinha do Brasil (MB) celebrou o Dia da Pátria com a Parada Naval, um desfile de navios que acontece há décadas, e o desfile cívico-militar que atraiu milhares de pessoas para a Esplanada dos Ministérios, em Brasília (DF). Os artigos desta edição apresentam as ações militares no decorrer do processo de independência política do Brasil e o desenvolvimento de uma nação e suas memórias, após o marco oportuno da legitimidade e formação da identidade brasileira que a independência do País proporcionou.

No campo das operações, temos a Operação “Formosa”, maior exercício da Marinha no Planalto Central, que reuniu 3.500 militares das Forças Armadas no Campo de Instrução de Formosa (GO), onde foram apresentadas a mobilidade, a permanência, a versatilidade e a flexibilidade do Poder Naval no contexto de uma Operação Anfíbia. Apresentamos ainda nesta editoria, a “UNITAS LXIII”, exercício marítimo multinacional que, na ocasião, teve o Brasil como coordenador e país-sede; e a Operação Conjunta “Ágata Oeste”, que foi conduzida pelo Ministério da Defesa e contou com a efetiva participação da MB e de suas organizações subordinadas no Pantanal (MS).

Também temos matérias sobre: o maior adestramento nuclear, biológico, químico e radiológico realizado na região de Iperó (SP); os exercícios táticos realizados na tríplice fronteira na Amazônia pelas Marinhas do Brasil, Colômbia e Peru; e as cinco fases que representam a história da Aviação Naval.

Nesta edição, destacamos importantes avanços operativos e estratégicos para a Marinha, a exemplo do Programa de Desenvolvimento de Submarinos, com a Mostra de Armamento do Submarino (S40) “Riachuelo” que garantirá a soberania brasileira no mar e a ativação do 1º Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas, fato que deu início às operações de um novo tipo de meio na Marinha.

Por fim, foi feita uma matéria sobre o tema “Segurança da Navegação”, destacando a importância dos faróis como meio de orientação para os navegantes e, na editoria “Cuidando da Nossa Gente”, apresentamos a redução de acidentes de escarpelamento na Amazônia.

Boa leitura!

Contra-Almirante Carlos André Coronha Macedo
Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha

OPERAÇÃO "ÁGATA OESTE"

Materiais apreendidos e multas aplicadas somaram R\$ 4 milhões

Por: Agência Marinha de Notícias

Fotos: Acervo da Marinha

A Operação Conjunta "Ágata Oeste", conduzida pelo Ministério da Defesa e realizada pela Marinha do Brasil (MB), Exército Brasileiro (EB) e Força Aérea Brasileira (FAB), contou com a participação de diversos órgãos de segurança pública e de fiscalização federais e estaduais.

Os navios da MB percorreram, no total, 3.754 km nos rios Guaporé, Paraguai e Paraná, nos estados de Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS) e Paraná (PR), em ações de patrulha, patrulhamento

e inspeção naval.

Foram fiscalizadas 533 embarcações, notificadas 64 e apreendidas 11. Em terra, Fuzileiros Navais percorreram 3.992 km para a realização de ações de Posto de Bloqueio e Controle de Estradas, com emprego de cães de guerra, resultando em 636 veículos inspecionados.

Além disso, foram apreendidos 1.100 kg de maconha, 1.210 kg de carne imprópria para consumo, produtos de contrabando, como cigarros e eletrônicos, e realizadas

autuações por pesca ilegal, somando cerca de R\$ 4 milhões em multas e materiais apreendidos.

No município de Japorã (MS), na fronteira com o Paraguai, militares do Destacamento de Mergulhadores de Combate, com apoio da Polícia Federal, Polícia Militar-MS e Departamento de Fronteira, realizaram a neutralização de um porto clandestino utilizado para tráfico internacional de drogas e armas.

O Ministro de Estado da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, visitou o local da operação, na ci-



dade de Ladário (MS), para verificar as ações realizadas na região do Pantanal.

De acordo com o Comandante da Força Naval Componente, Vice-Almirante Paulo César Bittencourt Ferreira "nossos militares e meios atuaram em conjunto com os órgãos de segurança, inclusive com pessoal embarcado nos navios, somando esforços para aumentar a sensação de segurança da população da região. Esse tipo de cooperação possibilita a troca de conhecimentos e o fortalecimento

de ações em prol da sociedade".

Como parte das ações da Operação "Ágata Oeste", o Navio de Assistência Hospitalar (NASH) "Tenente Maximiano" realizou, de 21 a 24 de julho, atendimentos médicos e odontológicos em Porto Murtinho (MS), na fronteira com o Paraguai.

Com apoio de militares do EB e da FAB, embarcados no navio, a equipe médica efetuou 408 procedimentos médicos, 720 odontológicos e distribuiu 62 kits odontológicos à população.

Durante o período, militares da área de saúde visitaram o asilo Lar dos Idosos – São Vicente de Paula e a Casa Lar, do Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes.

"Além dos atendimentos, o navio promoveu à população de Porto Murtinho e região a divulgação de orientações sobre a prevenção a doenças regionais e de saúde bucal", destacou o Comandante do NASH "Tenente Maximiano", Capitão-Tenente Eduardo Pontual Dubeux.

SÃO PAULO RECEBE MAIOR EXERCÍCIO EM DEFESA NUCLEAR, BIOLÓGICA, QUÍMICA E RADIOLÓGICA DA HISTÓRIA

A operação reuniu civis e militares na segurança do Programa Nuclear da Marinha

Por: Segundo-Tenente (RM2-T) Thaís Cerqueira Francisco

Fotos: Primeiro-Sargento-FN-EG Allan Theodoro Machado da Silva e Primeiro-Sargento-FN-ET Agostinho Fernandes Silva Rocha

No final do mês de agosto ocorreu o maior adestramento Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico (NBQR), na região de Iperó (SP). O exercício foi coordenado pelo Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo (CTMSP) e pelo Centro de Defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica da Marinha do Brasil (CdefNBQR-MB), com a participação de diversas unidades da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) e da Agência

Naval de Segurança Nuclear e Qualidade (AgNSNQ), que utilizou o Sistema do Centro de Acompanhamento de Respostas a Emergências Nucleares e Radiológicas Navais (SISCARE), possibilitando o acompanhamento em tempo real de todos os eventos realizados.

A operação reuniu os diferentes níveis e setores do Sistema de Defesa NBQR da MB, em prol da manutenção da segurança do Complexo em que são re-

alizadas as etapas do Programa Nuclear da Marinha (PNM), desenvolvido por civis e militares das diferentes organizações da Diretoria Geral do Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha (DGDNTM).

Participaram do treinamento 600 militares de diversos setores da MB - batalhões de Defesa NBQR do Rio de Janeiro e de Aramar, Unidade Médica Expedicionária da Marinha (UMEM), Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais

Entrega de amostras para análise do Laboratório Móvel do Centro de Defesa NBQR





Militares dos batalhões de Defesa NBQR de Aramar e do Rio de Janeiro realizam descontaminação

(BtlBldFuzNav), Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais (BtlOpEspFuzNav), Comando Naval de Operações Especiais (CoNavOpEsp), entre outros - e cerca de 300 funcionários civis de diversas áreas - operações, engenharia de segurança e todos que compõem o Plano de Emergência Geral do Complexo.

Para o Diretor do CTMSP, Vice-Almirante (Engenheiro Naval) Guilherme Dionizio Alves, o exercício marcou uma importante mudança de paradigmas no que diz respeito à segurança e a proteção das pessoas e instalações do Centro Experimental Aramar (CEA). "A participação do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) é essencial para tratarmos a questão do 'Safety and Security'. Esse evento mostrou que é possível operarmos de maneira bem-sucedida com diversos setores em prol do PNM", destacou.

Essa integração demandou coordenação entre todos os envolvidos, desde a fase de planejamento até a sua execução, reunindo as práticas já existentes no CTMSP com as especificidades da atuação

da FFE. De acordo com o Comandante do CDefNBQR-MB, Capitão de Mar e Guerra (Fuzileiro Naval) Flavio Lamego Pascoal, "a ativação do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais permitiu a integração das capacidades de resposta disponíveis de ambos. Fato que proporcionou sinergia e possibilitou o aprimoramento de procedimentos".

Segundo o Mestre em Tecnologia Nuclear Ricardo Gonçalves Gomide, assessor para o ciclo de combustível nuclear e coordenador do Plano de Emergência Local de Aramar, que trabalha há mais de 35 anos no Projeto Nuclear da MB, "culturas operacionais distintas trabalharam em harmonia e fizeram exercícios complexos sem nenhum incidente ou conflito, mostrando assim suas capacidades técnicas". Para Gomide, a troca de experiências foi o grande ganho do exercício. "O aprendizado foi geral. Nós (civis) aprendemos técnicas, mecanismos, dispositivos e infraestruturas de combate a emergências, assim como os militares da FFE verificaram os recursos disponíveis em Aramar, de forma operacional e não apenas como uma visita".

As equipes especializadas em Desativação de Artefatos Explosivos (DAE), do Batalhão de Engenharia de Fuzileiros Navais, realizaram operações com o apoio do robô de desativação operado remotamente "Rover Defender". A UMEM estabeleceu uma Unidade Avançada de Trauma, conectada via satélite ao Hospital Naval Marcílio Dias, pelo recurso da telemedicina. Cães de guerra foram empregados em atividades de polícia e de detecção de explosivos e entorpecentes e análises de amostras foram coletadas e enviadas ao Laboratório Móvel do CDefNBQR-MB.

O CoNavOpEsp estabeleceu um destacamento de Defesa Cibernética e o BtlOpEspFuzNav desenvolveu ações de retomada de instalações e resgate de reféns com o Grupo Especial de Retomada e Resgate.

Durante o exercício, o Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais e a Base de Fuzileiros Navais da Ilha das Flores asseguraram o deslocamento e a montagem de base expedicionária para 500 militares e cerca de 50 veículos foram trazidos do Rio de Janeiro somando esforços nas operações 📍

FARÓIS: LUZES QUE GUIAM OS NAVEGANTES NA AMAZÔNIA AZUL

Construções seculares ajudam a salvar vidas no mar

Por: Primeiro-Tenente (T) Paulo Yan Carlôto de Souza

Fotos: Cesar Barreto

No chamado calcanhar do Brasil está o Farol de Touros (RN). Já no extremo sul do País encontra-se o Farol da Barra do Chuí (RS). Hoje, existem 206 faróis distribuídos ao longo da extensa costa brasileira, sendo 199 administrados pela Marinha do Brasil (MB). Essas construções notáveis estão presentes há milênios na vida daqueles povos que precisam se aventurar nos mares. Nos registros históricos, o Farol de Alexandria, construído por Ptolomeu II (323 a 285 a.C.), um dos sucesso-

res de Alexandre - O Grande, foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. A ilha escolhida para a construção do farol chamava-se Pharos (pronuncia-se "faros"), determinando como essas construções seriam conhecidas.

Mas por que eles são tão importantes? Uma explicação lúdica pode ser encontrada na famosa frase "navegar é preciso, viver não é preciso", popularmente atribuída ao poeta Fernando Pessoa, mas com fonte provável no general romano Pom-

peu (séc. I a.C.). A primeira parte da frase pode revelar duas características da arte da navegação: ela é necessária e requer precisão. Porque o mar é fonte de riquezas e biodiversidade e também é utilizado como forma de transporte, lazer e subsistência. Contudo, o mar nem sempre é dócil, podendo surpreender quem não se prepara para suas intempéries. Daí a importância de conhecer as técnicas e instrumentos de navegação e de orientação.

Para que uma navegação seja



bem-sucedida, é necessário planejamento e a utilização de instrumentos que ajudam a direcionar o percurso. Entre os instrumentos utilizados para orientar aqueles que decidem navegar estão as cartas náuticas, as boias luminosas e os faróis. Avistar um farol é muito mais que apenas ver uma edificação. Pode representar alívio e esperança, um sinal de que o lar está mais próximo ou que a navegação está seguindo conforme planejada.

As cidades crescem com o tem-

po e, em diversos casos, os faróis refletem essa realidade. Um exemplo é o novo Farol do Mucuripe, em Fortaleza (CE), que foi inaugurado em 2017. O equipamento tem cerca de 72 metros de altura, aproximadamente três vezes maior que o antigo. É o maior farol convencional das Américas e está entre os 10 maiores do mundo. Ele possibilita melhores condições de trabalho para toda a comunidade marítima, especialmente para os pequenos barcos e jangadas que não pos-

suem tecnologia de geolocalização.

Coordenação dos Auxílios à Navegação

O Encarregado da Divisão de Auxílios à Navegação do Centro de Auxílios à Navegação Almirante Moraes Rego (CAMR), Capitão-Tenente Rubens Ikeuti, destaca a relevância dos faróis. “Ainda que grandes embarcações façam uso de equipamentos tecnológicos como radares e GPS, em caso de falha destes, os faróis são fundamentais, especial-



mente para pequenas embarcações de pesca e recreio que geralmente não possuem tais equipamentos”, ressalta.

Devido à grande extensão do litoral brasileiro, o exercício da atividade de sinalização náutica é segmentado por regiões. Por isso, em diferentes localidades, cabe aos Serviços de Sinalização Náutica (SSN) e aos Centros de Hidrografia e Navegação (CHN) estabelecer, manter e operar os sistemas de sinais de auxílio à navegação de responsabilidade da Marinha. Eles estão presentes nas cidades de Salvador (BA), Natal (RN), Belém (PA), Rio Grande (RS), Ladário (MS) e Manaus (AM), atuando sob a supervisão técnica do CAMR, que também é responsável pela área do Rio de Janeiro (RJ). Nas localidades que não dispõem de SSN ou CHN, a manutenção e a fiscalização dos serviços de sinalização náutica ficam a cargo das Capitânicas dos Portos e de suas Delegacias e Agências.

O faroleiro: importância do fator humano

Para garantir que os faróis continuem cumprindo a missão de salvar vidas, o faroleiro ainda é peça-chave, não importa quanta tecnologia e automação sejam aplicadas nesses instrumentos. Esse profissional vai além da operação desses sinais e dedica-se também à manutenção e ao zelo pelo contínuo funcionamento. A dedicação dos faroleiros garante que milhares de pessoas naveguem de forma segura todos os dias na costa brasileira.

O Suboficial (Faroleiro) Rafael Elísio Gonçalves Fernandes serve atualmente no Farol da Barra do Chuí (RS). Seu interesse por faróis iniciou ainda na Escola de Aprendizes-Marinheiros, quando sua turma foi escolhida para visitar o Farol de Santa Marta, em Laguna (SC). “Sou faroleiro de coração e de profissão, porém uma noite tive que ficar acordado por causa de um problema na máquina de rotação do farol e fiquei pensando naqueles que me precederam e quanta dificuldade eles passaram para deixar a navegação mais segura, com frio extre-

Farol do Albardão, em Santa Vitória do Palmar (RS)

mo de -2 °C. Foi cansativo, porém extremamente gratificante, quando o sol começou a surgir no horizonte. Sem dúvida, foi o melhor serviço que tirei na Marinha”, relatou o Suboficial.

Para ele, o isolamento é a principal dificuldade, pois “apesar de poder trazer a família, no caso deste farol, nós ficamos longe dos parentes, dos amigos e, na maior parte das vezes, distante de uma infraestrutura ideal para atender necessidades básicas como saúde, educação e lazer”.

É comum que faróis se localizem em ilhas afastadas das cidades estratégicas para a navegação. Cada um deles demanda diferentes condições de guarnecimento, alguns exigem que os militares permaneçam durante 90 dias em localidades isoladas, outros até mais tempo. Esse distanciamento faz com que o trabalho torne-se mais complexo. De acordo com o Capitão-Tenente Ikeuti, “os militares que guarnecem os faróis devem possuir, além dos conhecimentos técnicos relativos à profissão de faroleiro, noções de elétrica, hidráulica, motores, operação de equipamentos de rádio, primeiros socorros, observação meteorológica, preservação do meio ambiente, ótimas condições físicas e facilidade de viver em isolamento e conviver em pequenos grupos”.

Saiba mais sobre esses auxílios à navegação

A publicação “Lista de Faróis”, editada pela Diretoria de Hidrografia da Marinha, por meio do Centro de Hidrografia da Marinha, contém a relação completa de faróis e outras formas de sinalização náutica presentes em toda a costa brasileira. Além de uma breve descrição textual contendo posição e altura dos sinais luminosos, ela apresenta, ao final, fotografias dos principais faróis e faroletes brasileiros organizados por região. Com isso, aqueles que pretendem navegar em um determinado ponto da costa brasileira podem se familiarizar com a posição e a aparência dos sinais ali presentes.

Faróis também são destinos turísticos


A figura de um farol é em alguns casos tão marcante que eles são considerados destinos turísticos. Um exemplo disso é o Forte de Santo Antônio da Barra - também conhecido como Farol da Barra -, em Salvador (BA), que tem cerca de 324 anos, sendo o sinal náutico mais antigo do País. Ele foi eleito, em 2020, como Farol do Ano pela Associação Internacional de Autoridades de Auxílios à Navegação Marítima e Faróis (IALA, na sigla em inglês). Essa premiação busca reconhecer aqueles faróis que possuem destacado valor histórico, cultural e arquitetônico. Além disso, o tradicional farol baiano foi escolhido para sediar o Museu Náutico da Bahia, fato que evidencia seu potencial turístico. Em 2019, mais de 130 mil visitantes passaram pelo museu.

Para se aprofundar sobre os faróis

Por mais que estejam espalhados por toda a costa brasileira, os faróis não deixam de despertar a curiosidade daqueles que com eles se deparam. Se quiser conhecer, de forma mais aprofundada algumas dessas sinalizações, uma sugestão é a série “Faróis do Brasil”, produ-

zida e veiculada pela TV Brasil, em parceria com a Marinha do Brasil.

Outra iniciativa que explorou as particularidades dessas construções foi a série “Luzes da Amazônia Azul”. Em forma de expedição e aventura, a série retrata histórias da costa brasileira, trazendo como personagens 16 faróis mantidos pela MB, e conta também com depoimentos do Capitão de Mar e Guerra Ney Dantas (*in memoriam*), que mostram a importância de cada um dos faróis. Os episódios foram exibidos pelo canal Travel Box Brazil.

O Capitão de Mar e Guerra Ney Dantas, farologista e importante personagem do documentário “Luzes da Amazônia Azul”, escreveu no livro “Luzes do Novo Mundo” que, a despeito do desenvolvimento tecnológico que presenciamos, os faróis continuaram a existir como “monumentos da arquitetura farológica e símbolos seculares da perseverante e incansável luta do Homem contra a agressividade do mar em seus momentos de ira. São marcos cravados em sítios isolados e lugares inóspitos no litoral do País, com o propósito de ajudar o navegante, principalmente, em seus momentos de desespero” 

Farol da Ilha Rasa - Baía da Guanabara (RJ)



OPERAÇÃO "FORMOSA" 2022

Maior exercício da Marinha no Planalto Central aconteceu em Goiás e reuniu 3.500 militares das Forças Armadas

Por: Primeiro-Tenente (T) Paulo Yan Carlôto de Souza

Fotos: Suboficial-PL Ibraim Gonçalves





A condição de prontidão permanente demonstra o preparo da Marinha do Brasil (MB) para atuar na proteção de nossas riquezas, sejam elas na Amazônia Azul ou em terra, em operações internacionais de paz (Haiti e Líbano, por exemplo) ou em operações humanitárias (no Chile, em 2010, e mais recentemente nas enchentes na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro, especialmente na cidade de Petrópolis). Entre as atividades de preparo para a execução dessas missões está a Operação "Formosa" 2022, maior treinamento da MB no Planalto Central.

Para que sua execução fosse possível, os veículos e equipamentos do Corpo de Fuzileiros Navais deslocaram-se do Rio de Janeiro (RJ) para Brasília (DF), num percurso de mais de 1.400 km, evidenciando sua capacidade expedicionária.

Realizado desde 1988, o exercício deste ano ocorreu no período

de 2 a 10 de agosto, no Campo de Instrução de Formosa (CIF) em Goiás (GO), e contou com 3.500 militares das três Forças. Desde 2021, a operação passou a incluir a participação do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira. Foram empregadas cerca de 160 viaturas e equipamentos diversos, incluindo carros de combate, veículos blindados, Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf), aeronaves de asa fixa e de asa rotativa, obuseiros de artilharia e Lançadores Múltiplos de Foguetes (LMF) AS-TROS. O treinamento com tiro real contou, pela primeira vez, com pelotões de Fuzileiros Navais de Belém (PA), Natal (RN), Salvador (BA), Ladário (MS) e Rio Grande (RS). Também houve a participação de um destacamento do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (USMC).

Presente na demonstração operativa, o Ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, ressaltou que "a Operação Formosa foi

concebida inicialmente com o propósito principal de assegurar o preparo do Corpo de Fuzileiros Navais como força estratégica de pronto emprego e de caráter anfíbio e expedicionário, capaz de atuar no País e no exterior, conforme previsto na nossa Estratégia Nacional de Defesa. Com a inclusão de uma série de atividades conjuntas, em especial relacionadas ao apoio de fogo e ao controle do espaço aéreo, essa operação passou a representar uma imperdível oportunidade para treinar e integrar os militares das três Forças Armadas".

Também presente em Formosa, o Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos, destacou que a operação prepara a MB para atender às necessidades do País.

"A Marinha estará sempre na vanguarda de acordo com as necessidades do povo brasileiro. O que a sociedade pode esperar é sempre muito comprometimento,

muita dedicação e muito empenho. Não é à toa que essa operação simulada aqui, a Operação Anfíbia, é a operação de maior atrição entre todos os tipos de operação naval. Os Fuzileiros Navais são comprometidos, a Marinha é comprometida e essa combinação da força de desembarque com a força-tarefa anfíbia torna a Marinha do Brasil uma Marinha com capacidades únicas no mundo”.

O Comandante de Operações Navais, Almirante de Esquadra Marcos Sampaio Olsen, destacou a importância do treinamento para a Força de Fuzileiros da Esquadra. “Essa operação integra o plano geral de adestramento do Comando de Operações Navais e trata-se de uma operação de grande envergadura e complexidade. Dentro deste plano, a operação atingiu um grau de preparo

e emprego da Força”, ressaltou.

O exercício


Em resumo, a demonstração operativa foi realizada no dia 10 de agosto e simulou um ataque coordenado durante uma Operação Anfíbia, a fim de conquistar um dos objetivos finais da Cabeça-de-Praia. Na demonstração, foram empregados aviões, helicópteros, carros de combate e blindados, com bombas e metralhadoras; disparos de fogos de artilharia de tubo e de foguetes; infiltração de paraquedistas; montagem de Unidade Avançada de Trauma (UAT) com telemedicina; posto de descontaminação Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR); laboratório móvel de detecção de agentes químicos, entre outras atividades. Devido às características do terreno do Campo de Instrução

de Formosa (CIF), todos os armamentos e sistemas de armas utilizados no exercício puderam empregar munições reais.

Para a demonstração, foram utilizados CLANf, viaturas M-113, UNIMOG 5000, viaturas PIRANHA, obuseiros 105 mm, foguetes SS-30 e SS-60. Além disso, foram utilizados meios de artilharia do Exército Brasileiro, como obuseiros 105mm e LMF Astros. A fim de apoiar as ações das tropas em terra, foram utilizadas aeronaves AF-1 e aeronaves Esquilo do 1º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral, da MB, e as aeronaves R-99, A-1, A-29 Super Tucano e C-130 Hercules, da Força Aérea Brasileira.

As características de mobilidade, permanência, versatilidade e flexibilidade do Poder Naval, materializadas no contexto de uma Operação Anfíbia, permitem





o cumprimento da tarefa básica de projeção de poder sobre terra, abrindo o caminho para os elementos de manobra mais robustos característicos da Força Terrestre, tudo isso em conjunto com as ações da Força Aérea.

Também foram realizadas ações de salto livre operacional, com a participação de militares paraquedistas das três Forças. Experiência destacada pelo Segundo-Sargento (Fuzileiro Naval) Wellington Ferreira da Silva. “O terreno aqui proporciona uma diversidade bem grande de missões que a gente pode cumprir. Formosa tem um clima bem atípico, bem parecido com o deserto. A ambientação com esse tipo de clima favorece nosso treinamento para podermos atuar em qualquer área do território nacional”.

A Capitão-Tenente Franciane Zamparetti Callegari, médica ra-

diologista e nuclear com especialização em Defesa NBQR que teve a oportunidade de saltar com o Sargento Wellington, ressaltou a importância dessa experiência. “Essa foi a primeira vez que participei da operação. Eu fiz dois saltos durante a operação e o último foi muito especial porque foi com a entrega da bandeira do Brasil ao Ministro da Defesa”.

Força de Fuzileiros da Esquadra

A Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) é a tropa anfíbia da Marinha do Brasil que atua em Operações de Guerra Naval, ações com emprego limitado da força e atividades benignas. Trata-se de uma força estratégica de pronto emprego, de caráter anfíbio e expedicionário. Em abril deste ano, a Força de Reação Rápida dos Fuzileiros Navais foi certificada pela Organização das Nações

Unidas (ONU) como nível 3 de prontidão para as Operações de Paz, o mais elevado nível operacional para aquela organização. A força foi assim a primeira do País a atingir tal certificação, sendo atualmente a única no mundo.

O Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra, Vice-Almirante (Fuzileiro Naval) Carlos Chagas Vianna Braga, destacou os principais desafios para a execução de uma operação desse porte. “O primeiro foi um desafio logístico para trazer essa quantidade de fuzileiros navais e marinheiros do Rio de Janeiro para Formosa, especialmente pela quantidade de equipamentos, viaturas e veículos blindados que trouxemos. O segundo grande desafio é que nós operamos com munição real o tempo todo, requerendo uma tropa qualificada e profissional” ↴

MARINHA DO BRASIL HOMENAGEIA O DIA DA PÁTRIA

Parada Naval é um dos destaques do Bicentenário da Independência

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Camila Marques de Almeida e Segundo-Tenente (RM2-T) Thaís Cerqueira Francisco

Fotos: Segundo-Sargento-ET Paulo César Faria de Paula Junior e Cabo-ES Iremar Vinícius da Silva Castro





Para celebrar o Dia da Pátria, em 7 de setembro, a Marinha do Brasil (MB) realizou diversos eventos por todo o País, como a tradicional Parada Naval e Aeronaval na orla do Rio de Janeiro. O desfile contou com 22 navios, sendo dez da MB e doze estrangeiros, além das aeronaves UH-12 “Esquilo” e UH-15 “Super Cougar” que fez um sobrevoos levando a Bandeira Nacional. O

evento, alusivo ao Bicentenário da Independência, teve início no Recreio dos Bandeirantes, na Zona Oeste, e seguiu pela Zona Sul. Ao final, os navios ficaram fundeados em Copacabana para que o público presente pudesse avistá-los por mais tempo.

Diversas pessoas aproveitaram o feriado para celebrar a data e assistir ao desfile com suas famílias e amigos, como foi o caso

da agricultora Rita Sanche, que é do Espírito Santo. “Estamos aqui passeando pelo Rio de Janeiro e aproveitando para participar desse dia tão importante para o nosso País”. Para o estudante João Manoel, “é uma honra ver de perto diversos navios da nossa Marinha, como o Navio ‘Atlântico’ e ainda saber que o Submarino ‘Riachuelo’ também está presente”.



Público prestigia Parada Naval no Rio de Janeiro (RJ)

Marinhas amigas participantes foram: Navio de Transporte Anfíbio USS “Mesa Verde” LPD-19 (Classe San Antonio) e Navio Destroyer USS “Lassen”, da Marinha dos Estados Unidos; Navio Multipropósito ARM “Libertador”, do México; Navio-Patrolha Oceânico Polivalente ARA “Piedrabuena” e a Fragata ARA “Libertad”, da Argentina; Navios-Patrolha (CNS) “Le Ntem” e “Lasanaga”, de Camarões; Navio-Escola da Armada Portuguesa N.R.P. “Sagres”; Fragata HMS “Forth”, da Marinha Real Britânica; Navio Multipropósito “Elephant” da Namíbia; Navio de Salvamento e Pesquisa ROU “Vanguardia” do Uruguai; e a Fragata FF-19 “Almirante Willians”, do Chile.

Após o desfile na orla, a população pôde assistir em Copacabana a apresentação da Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais e, cumprindo um cerimonial, foram prestadas salvas de 21 tiros partindo do NAM “Atlântico” e respondidas pelo Forte de Copacabana.

Desfile cívico-militar na capital do País

Brasília tornou-se palco, mais uma vez, do tradicional desfile de 7 de setembro, evento que também fez parte das comemorações alusivas

A Parada Naval é um desfile de navios que acontece há décadas e tem o propósito de mostrar à população os navios e as aeronaves da MB que protegem o território brasileiro e as riquezas da Amazônia Azul. A participação de navios de Marinhas amigas neste ano - Argentina, Camarões, Chile, Estados Unidos da América, México, Namíbia, Portugal, Reino Unido e Uruguai - reforça os laços de amizade e respeito com os demais países e contribui para a interoperabilidade nas diversas

tarefas.

Os navios da MB que participaram da Parada Naval foram: Navio-Veleiro “Cisne Branco”; Navio-Aeródromo Multipropósito (NAM) “Atlântico”; Navio-Doca Multipropósito “Bahia”; Fragata “Liberal”; Navio-Patrolha Oceânico “Amazonas”; Navio Hidroceanográfico “Cruzeiro do Sul”; Navio Oceanográfico “Antares”; Submarino “Riachuelo”; Navio-Patrolha “Maracanã”; e o Aviso de Pesquisa Hidroceanográfico “Aspirante Moura”.

Os navios estrangeiros das

Tripulação do NAM “Atlântico” em formatura comemorativa pelo Bicentenário da Independência





Desfile Cívico-Militar na Esplanada dos Ministérios em Brasília (DF)

ao Bicentenário da Independência do Brasil. Depois de dois anos suspenso, o desfile cívico-militar atraiu milhares de pessoas para a Esplanada dos Ministérios e contou com a presença tradicional das forças militares, em terra e no ar, e de escolas locais. Este ano, 576 militares da Marinha desfilaram em comemoração ao Bicentenário.

Logo no início, representantes da Associação de Veteranos do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), da seção regional de Brasília, desfilaram embarcados em viatura Atego. O público presente também apreciou o desfile do Grupamento da MB, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra (Fuzileiro Naval) Marcelo Fortunato Heringer Rosa, acompanhado pela banda de música do Grupamento de Fuzileiros Navais de Brasília, pela Guarda Bandeira e por seis militares do Estado-Maior da Força Naval.

Em seguida, o público viu a passagem da Companhia de Aspirantes da Escola Naval, estabelecimento de ensino superior mais antigo do País, composta por integrantes da Turma “Patriarca da Independência”. A Companhia contou, pela primeira vez, com as

futuras oficiais do Corpo da Armada e de Fuzileiros Navais, consolidando o acesso das mulheres a todos os Corpos e Quadros da MB.


Logo após, duas Companhias de militares da área de jurisdição do Comando do 7º Distrito Naval representaram os homens e mulheres que trabalham a bordo dos navios e demais Organizações da Marinha. A Capitão-Tenente (Bacharel em Direito) Flávia Cristina Bessera Madureira desfilou como Comandante da 2ª Companhia e para ela foi uma grande honra. “Primeiramente por que eu prestigiei a minha Força, a Marinha do Brasil, uma instituição que eu sirvo há mais de sete anos e, segundo, por que estamos comemorando o Bicentenário da Independência do Brasil que, a meu ver, traz a oportunidade de repensar e refletir as conquistas que tivemos ao longo desses anos”, concluiu.

A Companhia de Fuzileiros Navais de Brasília também participou do desfile. Ela representou o CFN, única tropa brasileira de caráter expedicionário, especializados nas operações anfíbias, que chegaram ao Rio de Janeiro em

1808, acompanhando a Família Real portuguesa. Durante o desfile, o Destacamento de Operações Especiais, composto pelos Comandos Anfíbios e pelos Mergulhadores de Combate, representaram as tropas de elite da MB.

Desfile motorizado

Além do desfile com militares, a MB foi representada por veículos motorizados. Desfilaram, também, as viaturas blindadas sobre Lagarta M113 MB-UNO, que conseguem transportar 11 militares armados e equipados; e, para fechar o desfile, duas viaturas Marruá com Mísseis Mistral, empregados na defesa antiaérea.

Os destaques foram os Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf); as viaturas Lançadoras Múltipla Universal do Sistema Astros-II, de fabricação nacional; e as modernas viaturas blindadas sobre rodas Piranha IIC, que foram empregadas para a proteção da tropa na Missão de Paz da Organização das Nações Unidas para a estabilização do Haiti e nas Operações da Intervenção Federal na segurança pública no Estado do Rio de Janeiro, em 2019 

OPERAÇÃO "VERÃO AMAZÔNICO"

Mais de 2 mil embarcações foram inspecionadas no Pará

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Luciana Santos de Almeida

Fotos: Primeiro-Tenente (RM2-T) Jônatas Hisamitsu

No mês de julho, a Marinha do Brasil coordenou a Operação "Verão Amazônico" 2022 com 105 militares fiscalizando a segurança do transporte de pessoas e de cargas no Pará. A Capitania dos Portos da Amazônia Oriental contabilizou 2.006 embarcações inspecionadas, das quais 20 foram apreendidas, além de 95 notificações e cinco inquéritos administrativos instaurados.

Ao contrário do que acontece na maior parte do País, a região amazônica acaba tendo estações climáticas diferentes. Nesta época do ano é comum a estiagem das chuvas, o que favorece bastante o surgimento das chamadas praias de rios e altas temperaturas, que podem ultrapassar os 36°C. Por esse motivo, há um aumento do tráfego das embarcações de esporte e lazer na região,

somado ao período de férias e às festividades típicas desta época do ano.

Equipes de inspetores navais atuaram na capital paraense no Distrito de Icoaraci, na Avenida Bernardo Sayão, na Praça Princesa Isabel e no Terminal Hidroviário de Belém. Já no interior do estado, a atuação foi em Marudá, Salinópolis, Altamira, Tucuruí e Marabá. A operação teve como ob-

Equipes aplicam teste de etilômetro em condutores





Equipes de inspetores navais conferem documentos das embarcações

jetivo assegurar a salvaguarda da vida humana no mar, rios e lagos, além da segurança da navegação e a prevenção da poluição hídrica gerada pelas embarcações.

De acordo com o Capitão dos Portos da Amazônia Oriental, Capitão de Mar e Guerra André Luís Martini Vieira, durante o verão amazônico os inspetores navais fazem verificação da capacidade de lotação de passageiros nas embarcações, transporte de carga e ferryboats, analisando se estão em condições de segurança para a população. “Em períodos como esse, a operação reforça a fiscalização das embarcações que transportam pessoas que estão em passeio, por exemplo. Visamos reduzir os acidentes nos rios da região. Paralelamente a esse

controle, promovemos ações educativas para orientar a população sobre segurança da navegação”, afirmou.

Pantanal e Amazonas

Em setembro, uma operação similar ocorreu por terra e água, em marinas e colônias de pescadores, utilizando lanchas e viaturas, com cobertura em todas as áreas de prática das atividades de esporte e recreio, no Mato Grosso do Sul. Equipes da Capitania Fluvial do Pantanal fizeram abordagens em embarcações, verificação de documentação, da habilitação dos condutores, da existência e do estado de conservação do material de salvatagem, como também da embarcação quanto às regras

de navegação. Houve, ainda, o uso de etilômetros para coibir a navegação sob efeito de bebidas alcoólicas.

A Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental fiscalizou embarcações de esporte e recreio, como motoaquática, lanchas e iates nas praias de Ponta Negra, Tupé, Dourada, da Lua, Prainha e nas marinas no Igarapé do Tarumã. As Capitâncias Fluviais de Tabatinga (AM) e Porto Velho (RO) e as Agências Fluviais de Parintins, Eirunepé, Boca do Acre, Humaitá, Itacoatiara – todas no Amazonas, Guajará-Mirim (RO) e Caracaraí (RR) também participaram da ação em localidades próximas a praias e balneários com maior circulação de embarcações ⚓

REVISTA NAVAL REUNIU NAVIOS BRASILEIROS E ESTRANGEIROS NO RIO DE JANEIRO

O evento histórico fez parte das comemorações pelo Bicentenário da Independência

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Vanessa Mendonça Silva

Fotos: Terceiro-Sargento-AR Vitor Lima de Oliveira, Terceiro-Sargento-ET Cássio Araujo dos Santos e

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil





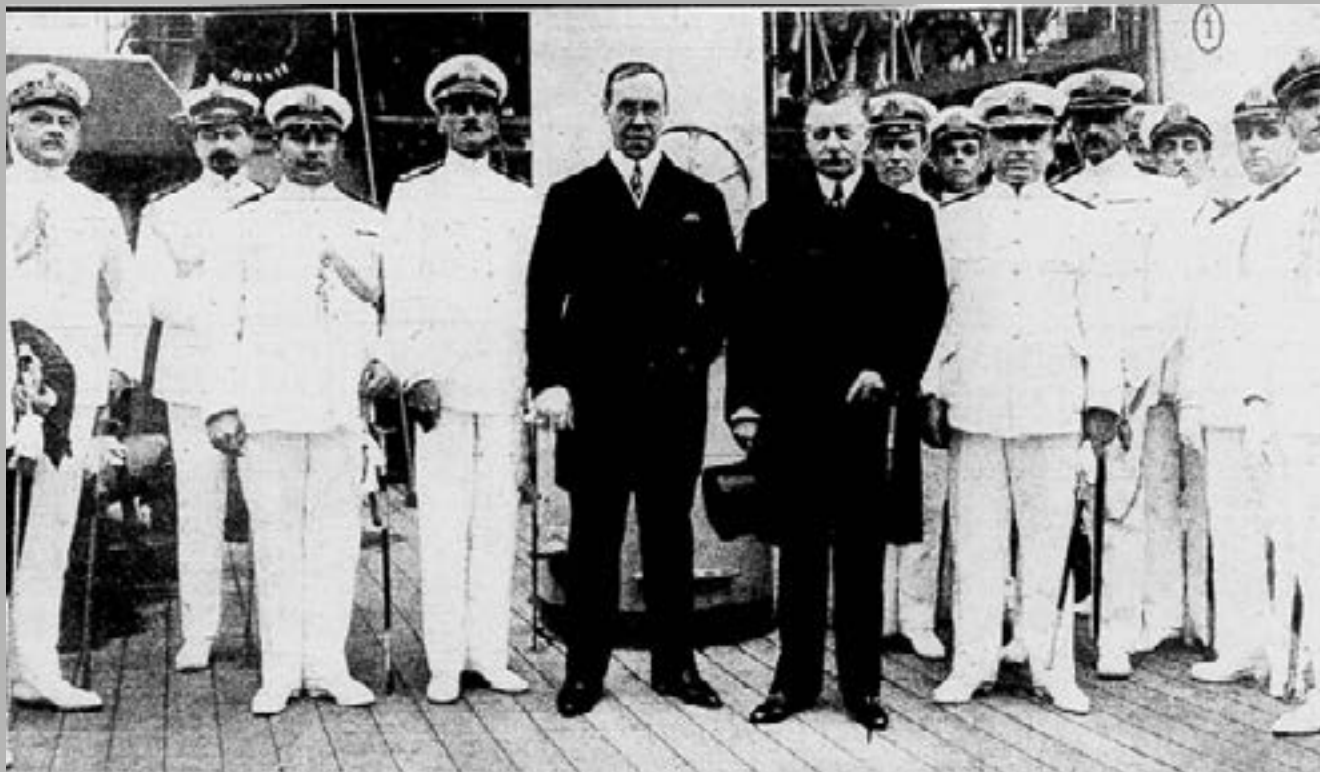
A Revista Naval realizada em setembro enriqueceu e estreitou os laços de amizade entre a Marinha do Brasil (MB) e as Marinhas amigas participantes, trazendo um significado muito importante nas comemorações pelos 200 anos da Independência do Brasil e 200 anos da Esquadra Brasileira.

Vinte e dois navios participaram da Revista Naval, fundeados na Baía de Guanabara, sendo dez

brasileiros e doze estrangeiros. Os navios, alinhados em formação de duas colunas, foram passados em revista pelo Presidente da República, que estava embarcado no Navio-Patrolha Oceânico "Apa". Seguindo uma tradição naval, as tripulações fizeram sete "vivas" ao Presidente, que consistem em uma forma de continência e saudação à autoridade que se aproxima dos navios. Além disso, três caças AF-1 e uma ae-

ronave UH-15 "Super Cougar" com a bandeira nacional sobrevoaram a formatura. Ao final, houve uma salva de 21 tiros.

"Este evento tem especial importância, pois remonta aspectos históricos e patrióticos para a sociedade brasileira, além de estreitar os laços que unem as Marinhas. Em 1922, por ocasião das celebrações dos 100 anos da Independência, ocorreu a Revista Naval que

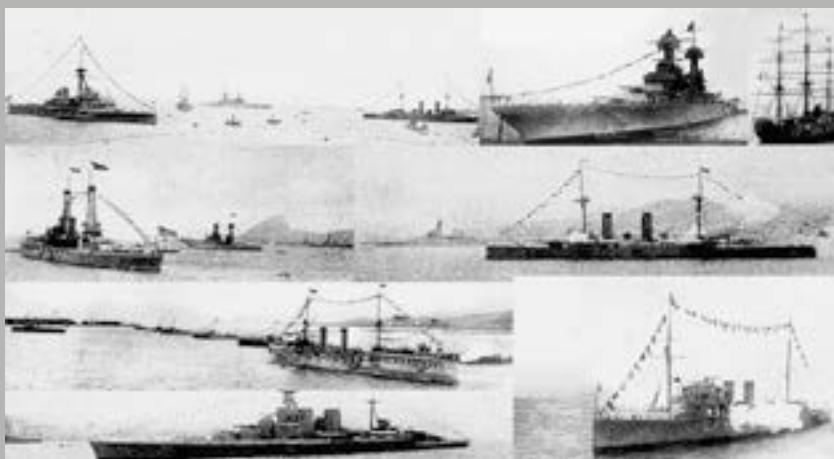


O Presidente Epitácio Pessoa e o Ministro Veiga Miranda com oficiais da Marinha do Brasil a bordo do Cruzador "Barroso", 1922

contou com navios das Marinhas da Argentina, Estados Unidos, Japão, Portugal e do Reino Unido”, disse o Comandante da 2ª Divisão da Esquadra, Contra-Almirante André Luiz Andrade Felix.

Além do Navio-Patrolha Oceânico “Apa”, dos três caças AF-1 e uma aeronave UH-15, os navios e meios da MB que participaram da Revista Naval foram: Navio-Aeródromo Multipropósito (NAM) “Atlântico”; Navio-Doca Multipropósito “Bahia”; Navio de Desembarque de Carros de Combate “Almirante Saboia”; Navio-Veleiro “Cisne Branco”; Fragata “Liberal”; Fragata “União”; Navio Hidroceanográfico “Cruzeiro do Sul”; Navio Oceanográfico “Antares”; Navio-Patrolha “Maracanã”; e o Submarino “Riachuelo”.

Os navios das Marinhas amigas participantes foram: Navio-Patrolha Oceânico Polivalente ARA “Piedrabuena” e a Fragata ARA “Libertad”, da Marinha Argentina; Navios-Patrolha (CNS) “Le Ntem” e “Lasanaga”, da Marinha de Camarões; Fragata FF-19 “Almirante Williams”, da Marinha do Chile; Navio de Transporte Anfíbio



Imagens dos navios participantes da Revista Naval de 1922



Presidente da República responde a saudação dos militares formados no NAM "Atlântico"

USS "Mesa Verde" LPD-19 (Classe San Antonio) e Navio Destroyer USS "Lassen", da Marinha dos Estados Unidos; Navio-Patrolha Oceânico HMS "Forth", da Marinha Real Britânica; Navio Multipropósito ARM "Libertador", da Marinha do México; Navio Multipropósito "Elephant", da Marinha da Namíbia; Navio-Escola da Armada Portuguesa "Sagres"; e Navio de Salvamento e Pesquisa "Vanguardia", da Marinha do Uruguai.

Ao ressaltar e agradecer a presença das comitivas estrangeiras, o Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos destacou o sentimento de amizade e união entre todos os participantes. "Hoje, mais do que nunca, com a gratificante presença dos senhores e senhoras que, vindo de perto ou de longe, prestigiam o bicentenário do nosso amado Brasil, posso vivenciar esse confortante sentimento de amizade e união que me fazem ter, ainda mais, fé no potencial das nossas Marinhas como instrumentos de promoção da cooperação entre as nações, em prol da paz, da segurança e da prosperidade de todos", concluiu 🇺🇵



Saudação ao Presidente da República que estava a bordo do Navio-Patrolha Oceânico "Apa"

Navios fundeados na Baía de Guanabara (RJ)



SUBMARINO “RIACHUELO” REFORÇA A SOBERANIA DO PAÍS NA AMAZÔNIA AZUL

Construção do submarino permitiu a transferência de tecnologia, a utilização de mão de obra brasileira e o desenvolvimento da indústria nacional

Por: Segundo-Tenente (RM2-T) Thaís Cerqueira Francisco

Fotos: Suboficial AV-RV Evandro Santana Boaventura e Terceiro-Sargento-ET Cássio Araújo dos Santos

Revolucionando a tecnologia brasileira e a indústria naval, o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB) representa um significativo avanço tecnológico no País, pautado em capital intelectual, engenharia sensível e tecnologia de ponta, além de incentivar a política de defesa, impulsionar a capacitação de pessoal e fortalecer a soberania nacional. Um

importante avanço do PROSUB foi a Mostra de Armamento do Submarino (S40) “Riachuelo”, realizada no dia 1º de setembro, no município de Itaguaí (RJ).

O “Riachuelo” é o primeiro da classe dos quatro submarinos convencionais com propulsão diesel-elétrica, que permitirão maior poder de dissuasão nos 5,7 milhões de km²

da Amazônia Azul, cuja riqueza das águas, do leito e do subsolo marinho são importantes para o desenvolvimento econômico, científico e ambiental. É nessa área marítima que os brasileiros desenvolvem atividades pesqueiras, por onde trafegam 95% do comércio exterior brasileiro e exploram recursos biológicos e minerais.



Para proteger esse patrimônio e garantir a soberania brasileira no mar, a Marinha do Brasil (MB) investe na expansão da Força Naval, como é o caso do S40, um importante elemento surpresa indispensável para negar o acesso de embarcações inimigas em território nacional, aumentando o poder dissuasório das Forças Armadas brasileiras. Para atingir esse efeito, esse tipo de navio se vale de suas características particulares, notadamente a capacidade de ocultação e o poder de causar danos a forças navais adversárias.

Durante o evento em Itaguaí, o Ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, destacou que a história do Brasil evidencia a participação da MB em diversas passagens decisivas para a formação da nacionalidade brasileira e que a entrega do novo meio naval construído no Brasil permite incrementar a capacidade de defesa na área marítima conhecida como Amazônia Azul. “O Programa de Desenvolvimento de Submarinos é de importância estratégica para o País. A construção desses novos submarinos no âmbito do PROSUB cumpre dois grandes ob-

jetivos: o aprimoramento da capacidade operacional de nossa Marinha com a considerável elevação de seu poder dissuasório e a ampliação da proteção de suas águas jurisdicionais, alcançando uma presença mais efetiva no Atlântico Sul e ainda o incremento de nossa indústria naval e o desenvolvimento de novas tecnologias, contribuindo para o fomento da economia nacional com a criação de milhares de empregos diretos e indiretos”.

O Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos, destacou que “o ‘Riachuelo’ representa um investimento para a sociedade brasileira, em soberania, em riqueza do povo brasileiro. Já foram gerados mais de 20 mil empregos diretos e cerca de 40 mil empregos indiretos. Além disso, as riquezas da nossa Amazônia Azul ainda são incalculáveis. Estamos falando de algo grandioso e extremamente importante para o futuro do nosso País”.

De acordo com o Comandante de Operações Navais, Almirante de Esquadra Marcos Sampaio Olsen, a Força de Submarinos conta, a partir

de agora, com uma classe de submarinos mais silenciosos e letais, preparada para atuar em prol da garantia da soberania do Estado brasileiro. “Características como alta taxa de discrição, aumento da capacidade de detecção e do tempo de permanência em zona de patrulha, além da precisão e da densidade na aquisição de dados em operações de esclarecimento e ataque, fazem da chegada do Submarino ‘Riachuelo’ um dos momentos mais esperados dos últimos anos”.

Para o Comandante do Submarino “Riachuelo”, Capitão de Fragata Edson do Vale Freitas, “as capacidades operativas do S40 o credenciam para a redução do controle exercido pelo oponente, facilitando a atuação das demais forças. Permite, ainda, realizar minagem, operações de inteligência e resgate ou infiltração de elementos de operações especiais em águas inimigas”.

Submarinos Classe “Riachuelo”

Devido às diversas tecnologias e inovações, os submarinos Classe “Riachuelo” (S-BR) são mais versáteis que os submarinos Classe

Primeira tripulação do Submarino "Riachuelo"





Cerimônia de Mostra de Armamento do Submarino "Riachuelo"

"Tupi" ("Tupi", "Tamoio", "Timbira" e "Tapajó") e são considerados operativamente superiores a diversos submarinos disponíveis atualmente no mundo.

Eles contam com sensores avançados - como o conjunto de sonares e os periscópios com câmeras para visão noturna -, além de um sistema de gerenciamento de combate dotado de modernos e complexos algoritmos, que permitem ao submarino detectar e classificar alvos a longas distâncias. Os S-BR contam, também, com maior autonomia que seu ascendente da Classe "Scorpène", devido a uma alteração no projeto que incluiu uma seção intermediária para aumento das acomodações e dos tanques de água.

Por meio de um processo de transferência de tecnologia, a construção dos S-BR está sendo realizada com mão de obra brasileira (engenheiros e técnicos), contando com a assistência técnica de franceses da empresa Naval Group. O Programa de Nacionalização já qualificou cerca de quarenta empresas brasileiras para a fabricação de componentes do submarino, em mais de cem projetos, sendo os

principais deles: a fabricação das válvulas de água salgada pela empresa Micromazza, a fabricação das baterias pela empresa NewPower e a fabricação do Mancal de Escora pela empresa Miba.

Para a construção dos submarinos brasileiros convencionais e, no futuro, do Submarino Convencionalmente Armado com Propulsão Nuclear "Álvaro Alberto", foi construído em Itaguaí (RJ) um complexo naval que possui diversas instalações, equipamentos e sistemas especializados. Hoje, ele é um dos mais modernos estaleiros de construção naval existentes, já que a construção de submarinos exige mão de obra altamente qualificada e um parque industrial equipado, de modo a possibilitar a execução das diversas atividades de fabricação, comissionamento e testes.

"O Programa Nuclear da Marinha é a espinha dorsal do Programa Nuclear brasileiro. Nós produzimos pastilhas de urânio para que as Indústrias Nucleares do Brasil possam manter Angra 1 e Angra 2 funcionando, por exemplo. O programa permite que haja um aproveitamento dual dessa tecnologia nuclear. Além da mi-

litar, as áreas de fármacos e alimentos também podem utilizar essa tecnologia, proporcionando um desenvolvimento tecnológico, científico e médico para o Brasil", complementou o Comandante da Marinha, após a cerimônia.

Capacitação da primeira tripulação

Os treinamentos da primeira tripulação duraram cerca de dois anos e quatro meses e foram divididos em três etapas: preliminar, em terra e a bordo. Na capacitação preliminar, a tripulação foi submetida a exames teóricos e entrevistas individuais. Também foi elaborado um Plano de Capacitação Preliminar, executado pelo Centro de Instrução e Adestramento Almirante Átila Monteiro Aché.

As fases de capacitação em terra e a bordo foram realizadas por instrutores da Défense Conseil International, que é uma empresa parceira do Ministério da Defesa francês, responsável pela transferência internacional do seu *know-how* militar para as Forças Armadas dos países amigos. "Nos qualificamos nos diversos sistemas do submarino e realizamos exercícios, com o propósito de tornar a tripulação



servirão de base para todas as unidades da classe, previstas no escopo do PROSUB.

Características básicas do “Riachuelo”

O Submarino “Riachuelo” possui um comprimento total de 70,62 metros, diâmetro de casco de 6,2 metros, deslocamento na superfície de 1.740 toneladas e deslocamento em imersão de 1.900 toneladas. Seu sistema de combate é dotado de seis tubos lançadores de armas, com capacidade para lançamento de torpedos eletroacústicos pesados, mísseis táticos do tipo submarino-superfície e minas de fundo.

O “Riachuelo” será o sétimo navio da Marinha a receber este nome, em homenagem à Batalha Naval do Riachuelo, ocorrida em 11 de junho de 1865, durante a Guerra da Tríplice Aliança 🇺🇦

Comandante da Marinha assina termo de armamento do S40

autônoma na condução segura do meio. No mar, foram feitos treinamentos voltados para a condução do ‘Riachuelo’ e controle de avarias, de modo que todos tivessem a capacidade de exercer suas funções com segurança e destreza”, reforça o Comandante do S40.

“Lançado ao mar pela primeira vez em dezembro de 2018 e tendo executado sua imersão estática em novembro de 2019, o Submarino ‘Riachuelo’ foi submetido, desde então, a um extenso programa de testes de aceitação no mar, na superfície e em imersão, para que hoje pudesse ganhar sua alma - uma tripulação experiente, aprestada e motivada que também se preparou diligentemente para recebê-lo e para garantir o cumprimento de sua missão”, destacou o Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante de Esquadra Renato Rodrigues de Aguiar Freire.

O Submarino “Riachuelo” será submetido à Comissão de Inspeção e Assessoria de Adestramento, que lhe garantirá a capacidade plena de emprego. Em seguida, cumprirá Avaliação Operacional, processo importante para o estabelecimento de parâmetros de operação, que



OPERAÇÃO "UNITAS" LXIII

Marinhas de dezenove países se reúnem em exercício no Rio de Janeiro

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Luciano Franklin de Carvalho e Segundo-Tenente (RM2-T) Thaís Cerqueira Francisco

Fotos: Acervo Marinha



Com 5.500 militares, 21 aeronaves e 21 navios, incluindo um submarino, a Operação "UNITAS" LXIII foi realizada no mês de setembro e teve o Brasil como coordenador e país-sede. Criada em 1960, a UNITAS é o exercício marítimo multinacional mais antigo organizado pelos norte-americanos. Os principais objetivos da operação são incrementar a interoperabilidade das Marinhas por meio da condução de operações navais, aeronavais e de fuzileiros navais, além de estreitar os laços de cooperação entre os países participantes.

Comandado pelo Contra-Almirante Marcelo Menezes Cardoso, Comandante da 1ª Divisão

da Esquadra, o Grupo-Tarefa (GT) brasileiro foi composto pelos seguintes navios: Navio-Aeródromo Multipropósito "Atlântico"; Navio-Doca Multipropósito "Bahia"; Navio de Desembarque de Carros de Combate "Almirante Sabóia"; Fragata "Constituição"; Fragata "Liberal"; Fragata "União"; Embarcação de Desembarque de Carga Geral "Camboriú"; Navio-Patrolha Oceânico "Amazonas"; Navio-Patrolha "Macaé"; Navio de Apoio Oceânico "Purus"; e Navios-Varredores "Aratu" e "Araçatuba".

O GT contou, ainda, com um destacamento de Mergulhadores de Combate, uma tropa de 500 Fuzileiros Navais, Carros Lagarta

Anfíbios (CLAnf) e o apoio das seguintes aeronaves: UH-15 "Super Cougar"; SH-16 "Seahawk"; AH-11 A/B "Super Linx"; UH-12 "Esquilo"; e AF-1 "Skyhawk", da Marinha do Brasil; além das aeronaves "Orion" (P-3AM) e "Bandeirante Patrulha" (P-95), da Força Aérea Brasileira.

Este ano, a operação contou com a participação de dezoito marinhas estrangeiras: Camarões, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Guiana, Jamaica, México, Namíbia, Panamá, Paraguai, Peru, Reino Unido, República Dominicana e Uruguai.

"Nesta edição, houve uma unidade-tarefa específica voltada à



segurança marítima. Os exercícios foram realizados pelos Navios-Patrolha da Marinha de Camarões, da Namíbia, como também pelos Navios-Patrolha inglês e brasileiros”, detalhou o Almirante Cardoso.


A Operação "UNITAS" contou com uma fase de porto e uma marítima, com três etapas. A primeira foi de preparação onde foram feitos exercícios de ações de superfície, antissubmarinas e antiaéreas, de guerra eletrônica e operações de interdição marítima; na segunda foram realizados exercícios ligados especificamente à segurança marítima; e a fase final foi denominada Operação Anfíbia Multinacional, onde foram realizados exercícios

conjuntos, contemplando uma simulação de resgate de civis, por meio de uma incursão anfíbia na Praia de Itaóca (ES).

“Desde 2008, a UNITAS é realizada com uma fase anfíbia. Essa inclusão mostra a importância que a Marinha do Brasil atribui à preparação das Forças para realizar operações de ajuda humanitária e remediação de desastres. Uma das contribuições importantes desse tipo de treinamento é o aprendizado que nós tivemos na ajuda humanitária ao Haiti”, explicou o Almirante Cardoso.

Na fase de porto, foram realizadas oficinas para as tropas de Fuzileiros Navais e Operações

Especiais, além de atividades que permitiram intercâmbios culturais, eventos esportivos e projetos de relacionamento com o público civil. Para o Secretário da Marinha dos Estados Unidos, Carlos Del Toro, as duas semanas de intensos exercícios incluíram operações complexas em alto-mar, testando a capacidade de ação conjunta internacional, que exigiram coordenação em todos os domínios.

“O sucesso neste tipo de missão requer uma comunicação constante, cooperação multilateral e, o mais importante, confiança. Confiança na capacidade e decisões das nossas Marinhas e das nossas Nações”, comentou o Secretário 

AÇÕES CONTRA O ESCALPELAMENTO REDUZEM ACIDENTES NA AMAZÔNIA

Marinha intensifica as atividades de enfrentamento ao escalpelamento

Por: Agência Marinha de Notícias

Fotos: Primeiro-Tenente (RM2-T) Jônatas Hisamitsu e Acervo Marinha

No Dia Nacional de Combate e Prevenção ao Escalpelamento, 28 de agosto, a Marinha do Brasil (MB) contabilizou uma redução de 50% nos acidentes ocorridos em 2022. De janeiro a agosto deste ano foram quatro casos de escalpelamento nos estados do Pará e do Amapá. A quantidade é a metade dos casos ocorridos no mesmo período em 2021.

Em vários períodos do ano, em Ações Cívico-Sociais da MB nas comunidades ribeirinhas, são realizadas ações de enfrentamento ao escalpelamento, porém, no mês de agosto as atividades foram intensificadas nos municípios de Muaná e Limoeiro do Ajuru, no Pará, e nos municípios de Macapá e Santana, no Amapá.

No estado do Pará, foram

promovidas palestras, doação e instalação gratuita de coberturas de eixo de motor, distribuição de coletes salva-vidas e de toucas de proteção para os cabelos, panfletos educativos e orientação do Grupo de Atendimento ao Público Itinerante da Capitania dos Portos da Amazônia Oriental (CPAOR).

As atividades ocorreram em escolas municipais e estaduais

Marinha distribui toucas de proteção para os cabelos



localizadas nas zonas urbanas e rurais, em centros comunitários, em portos, em feiras e em locais com maior fluxo de pessoas. “Gostaria de ressaltar que a população pode nos ajudar com a prevenção e segurança da navegação. Qualquer pessoa que verificar alguma situação de insegurança, de risco à navegação, pode relatar diretamente para a Capitania, pelo telefone (91) 99114-9187 ou pelo 185”, afirmou o Capitão dos Portos da Amazônia Oriental, Capitão de Mar e Guerra André Luís Martini Vieira.

O Capitão dos Portos informou, ainda, que os proprietários de embarcação que não possuem cobertura de eixo também podem solicitar à CPAOR, localizada em Belém, ou a uma das embarcações da Capitania que estiverem passando pelo município dos interessados.

Amapá

No Amapá, a Capitania dos Portos do Amapá (CPAP) realizou, entre os dias 26 e 29 de agosto, ações alusivas ao Dia Nacional de Combate e Prevenção ao Escalpelamento, com palestras educativas sobre o tema aos estudantes de Enfermagem e Pedagogia da Faculdade Madre Tereza em Santana, e aos alunos da Escola Municipal de Educação Básica Leonice Dias Borges, na Ilha de Santana.

Seguindo a programação de ações, a CPAP empregou uma equipe de militares para realizar cobertura dos eixos dos motores das embarcações no Igarapé das Mulheres, município de Macapá, onde fica localizada a Associação de Mulheres Ribeirinhas e Vítimas de Escalpelamento. Durante todo o período, a equipe de inspeção naval orientou os condutores das embarcações que trafegam pelo rio Amazonas sobre os riscos de um acidente com eixos e partes móveis de motores desprotegidos, bem como divulgou o trabalho que vem sendo executado para diminuir as ocorrências.

Escalpelamento


Esse tipo de acidente



Cobertura de eixo de motor feita por militar da Marinha

costuma acontecer quando, por descuido, os cabelos compridos se enrolam no eixo do motor de pequenas embarcações durante uma pesca ou transporte para a escola ou trabalho, fazendo com que parte ou todo o couro cabeludo seja arrancado bruscamente. As vítimas, a maioria mulheres e meninas, podem até ter suas orelhas, sobrancelhas, pálpebras e parte do rosto e pescoço arrancados, causando deformidades que irão acompanhá-las por toda a vida. Em casos mais graves, o acidente pode causar o óbito.

Regina Formigosa de Lima, vítima de escalpelamento aos 22 anos no estado do Pará, contou que o acidente ocorreu quando saiu para passear e se

sentou na parte traseira de um barco que não tinha proteção no eixo do motor. Os cabelos estavam soltos e foram puxados violentamente. “Desde que sofri o acidente, nunca fiquei boa. A pessoa pensa que não vai acontecer com a família dela e que, por causa do descuido, os acidentes acontecem”. Regina reforçou que mulheres e crianças devem usar os cabelos presos e cobertos com boné ou toucas para que não sejam mais uma vítima. Também destacou o trabalho da MB. “É muito importante o movimento da Marinha, que está sempre nos rios, fiscalizando e educando. Espero que as pessoas tenham este mesmo olhar para nossa causa”, concluiu 

NO AR, OS HOMENS DO MAR: CONHEÇA AS CINCO FASES DA AVIAÇÃO NAVAL

Aviação Naval brasileira completa 106 anos com comemorações em São Pedro da Aldeia (RJ)

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Luciano Franklin de Carvalho

Fotos: Acervo da Marinha



Formatura comemorativa pelos 106 anos da Aviação Naval

O mês de agosto em São Pedro da Aldeia, na Região dos Lagos (RJ), é marcado por várias comemorações em virtude do aniversário da Aviação Naval, celebrado no dia 23. As festividades contam com corrida de rua, exposições, além do tradicional desfile militar realizado anualmente na Base Aérea Naval da cidade.

O município foi escolhido na década de 1960 para a instalação da Base, sendo uma das 13 Organizações Militares que integram atualmente o Complexo Aeronaval. A partir daí, mantém uma relação histórico-cultural com a atividade, sendo conhecido como morada da Aviação Naval. Na entrada de São Pedro da Aldeia, na orla da Praia do Centro, foi instalada, em 2020, uma aeronave militar modelo AF-1 "Skyhawk", retrato dos vínculos históricos e símbolo de boas-vin-

das da cidade.

Neste ano, a cerimônia militar em comemoração ao aniversário da Aviação Naval foi realizada no dia 26 de agosto. O evento contou com sobrevoos das principais aeronaves da Marinha do Brasil (MB). Na ocasião, o Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos, ressaltou os feitos dos 106 anos da Aviação Naval.

"Pioneira em nosso País, a Força Aeronaval remonta ao ano de 1916, quando a Marinha introduziu a aviação militar no Brasil. Uma iniciativa que se mostrou visionária e que ainda hoje inclui nossa Marinha no seletorol das que operam aviação embarcada", enalteceu.

Durante a cerimônia, o Comandante da Força Aeronaval, Contra-Almirante Augusto José da Silva Fonseca Junior, disse em seu dis-

curso que a Força Aeronaval aguarda receber mais dois helicópteros AH-15B "Super Cougar", que atuam em missões de busca e salvamento e apoio a ações humanitárias, além de concluir o programa de modernização dos helicópteros AH-11B "Wild Lynx".

"O futuro, sempre desafiador, nos impulsiona a buscar constantes investimentos para dotar nossa Força com o que há de mais moderno e avançado em termos de meios aéreos e a aprimorar a formação dos aeronavegantes. Fruto disso, a Alta Administração Naval tem proporcionado a renovação do inventário de aeronaves, a modernização dos meios e a realização de cursos, no País e no exterior, proporcionando maior e melhor operacionalidade para a Força", pontuou o Almirante Fonseca Junior.

Desde que Santos Dumont realizou o primeiro voo do 14Bis, em 1906, a aviação progrediu no Brasil. O feito possibilitou a busca para a construção de mais aeronaves e formação de pessoal na área, além de uma visão prospectiva das potencialidades do seu emprego no campo militar. Assim, a centenária história da aviação militar brasileira começou a ser construída no dia 23 de agosto de 1916, com a criação da Escola de Aviação Naval pela Marinha.

A chamada primeira fase da Aviação Naval engloba o período entre 1916 e 1941, com um rápido desenvolvimento das atividades aéreas impulsionadas pelo pioneirismo da MB. Além da criação da Escola de Aviação Naval, o período foi marcado pelo transporte da primeira mala aérea civil e militar, o que promoveu a criação, posteriormente, do Correio Aéreo Nacional (CAN), assim como o primeiro voo de um Presidente da República em uma aeronave militar brasileira e a participação de aviadores navais em operações reais de patrulha, durante a Primeira Guerra Mundial, integrando o 10º Grupo de Operações da *Royal Air Force*.

Em janeiro de 1941, por força de Decreto-Lei, nascia a Força Aérea Brasileira (FAB), recebendo todo o acervo de aviões, bases, equipamentos e pessoal, tanto da Aviação Naval quanto da Aviação Militar do Exército, encerrando a primeira fase. No entanto, a Segunda Guerra Mundial provou a inequívoca necessidade de se ter uma aviação embarcada para apoio dos navios no mar.

Em virtude disso, em 1952, criou-se a Diretoria de Aeronáutica da Marinha, dando início assim a segunda fase da Aviação Naval que foi até 1961. A fase compreendeu uma reestruturação nas Forças Armadas e foi marcada com a criação e instalação do Centro de Instrução e Ades- tramento Aeronaval, em 1957, com a chegada dos primeiros helicópteros, em 1958, e pela chegada ao Brasil do Navio-Aeródromo Ligeiro "Minas Gerais", em 1961. Neste mesmo ano foi criado o Comando da Força Aeronaval e iniciaram-se as operações em São Pedro da Aldeia.



Asa Rotativa

Em 1965, a Marinha passa a operar exclusivamente aeronaves de asa rotativa, cedendo seus aviões para a FAB e recebendo dela avançados helicópteros antissubmarino SH-34. Tais fatos marcaram o início da terceira fase, período em que houve um grande desenvolvimento na capacidade de emprego de aeronaves de asa rotativa a bordo de navios.

A MB era uma das poucas forças militares no mundo que operava com helicópteros embarcados, estendendo suas operações em períodos noturnos e permitindo a ampliação da capacidade das operações. Atualmente, um dos destaques de helicópteros da Marinha é o SH-16, projetado para operar embarcado e capaz de realizar uma missão completa de guerra antissubmarino.

Asa Fixa

Em 1998, a MB obteve autorização para operar novamente aeronaves de asa fixa a bordo de navios e adquiriu aviões A-4 "Skyhawk". Iniciava-se, assim, a quarta fase da aviação naval, fazendo com que o Brasil entrasse no seleto grupo de países com capacidade de operar aviões de alta performance, a partir de navios aeródromos.

Em abril de 2022, foi concluído o programa de modernização de cinco caças AF-1B e dois AF-1C. Entre as atividades desenvolvidas, após essa etapa, destacam-se o voo de formatura com quatro caças AF-1

realizado em julho deste ano pelo 1º Esquadrão de Aviões de Interceptação e Ataque e a atuação com ataques em alvos na Operação Formosa 2022.

Novos Tempos

No ano de 2022, a Aviação Naval embarca na quinta fase da sua história, tendo como marco a inauguração do 1º Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas, fato que deu início às operações de um novo tipo de aeronave na Força com capacidade para realizar missões de inteligência, vigilância e reconhecimento.

A nova fase é marcada pela modernização e aquisição de aeronaves e equipamentos de alta tecnologia proporcionando inovações técnicas e táticas de combate, como por exemplo o emprego de óculos de visão noturna, tecnologia que proporciona a capacidade de superar as limitações do olho humano sob condições de baixa iluminação e, por consequência, baixa visibilidade.

Ainda que a Aviação Naval esteja concentrada em São Pedro da Aldeia, ela atua em todo território nacional por meio dos quatro esquadrões distritais, localizados em Belém (PA), Rio Grande (RS), Ladário (MS) e Manaus (AM). Eles possibilitam a atuação na Amazônia, no Pantanal e na Amazônia Azul, protegendo as riquezas e os interesses do País 🇧🇷

COOPERAÇÃO ENTRE A MARINHA DO BRASIL E A MARINHA DE CAMARÕES



Reunião do Grupo de Trabalho entre a Marinha do Brasil e a Marinha Nacional de Camarões


No período de 30 de agosto a 1º de setembro de 2022, foi realizada, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), a II Reunião do Grupo de Trabalho entre a Marinha do Brasil (MB) e a Marinha Nacional de Camarões (MNC), no chamado GT-BRACAM/2022. A reunião originou-se do Memorando de Entendimentos (MoU) entre as duas marinhas, assinado em agosto de 2018.

Esta edição teve como principais temas a formação de militares da MNC nas instituições de ensino da MB; apoio da MB a Sistemas de Tráfego Marítimo para ampliação da Consciência Situacional Marítima da MNC; embarques de observadores em exercícios operativos; realização

de exercícios navais combinados, no Golfo da Guiné; e isenção de encargos portuários nas visitas dos navios aos respectivos países aos portos de Camarões e às bases navais no Brasil.

A Delegação da MB contou com Oficiais do Estado-Maior da Armada e do Comando de Operações Marítimas e Proteção da Amazônia Azul. Como atividades extras, a delegação da MNC visitou a Escola Naval (EN), o Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW), o Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão, a Base Naval do Rio de Janeiro e o Navio de Desembarque-Doca "Almirante Saboia. Ao todo, 20 militares camaroneses estão

realizando cursos na EN e no CIAW.

A reunião ocorreu em um momento em que a MNC enviou um Grupo-Tarefa, composto pelos Navios-Patrolha "LE NTEM" e "LA SANAGA", para participar das comemorações do Bicentenário da Independência do nosso País e da Operação "UNITAS" LXIII. Destaca-se que esta foi a primeira travessia transatlântica da África para o Brasil, realizada por meios navais da MNC, iniciada em 12 de agosto, o que demonstra a evolução da capacidade operacional daquela Marinha. Os navios deslocam cerca de 500 toneladas, têm 63,5 metros de comprimento e possuem tripulação composta por 25 militares 

AERONAVE REMOTAMENTE TRIPULADA SERÁ EMPREGADA NA DEFESA DO BRASIL

Por: Agência Marinha de Notícias

Foto: Cabo-ES Iremar Vinícius da Silva Castro



No dia 5 de julho, em São Pedro da Aldeia (RJ), a Marinha do Brasil realizou a Cerimônia de Ativação do 1º Esquadrão de Aeronaves Remotamente Pilotadas (EsqdQE-1), fato que deu início às operações de um novo meio para a Força.

A nova Organização Militar do setor operativo, subordinada ao Comando da Força Aeronaval, tem o propósito de contribuir com o processo decisório de planejamento e emprego do Poder Naval por meio da utilização de Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP).

A criação do EsqdQE-1 marca a história da Aviação Naval e trará significativo aumento na capacidade operacional dos navios da força naval durante missões de inteligência, vigilância e reconhecimento.

O Esquadrão possui seis modelos de aeronave ScanEagle, além de lançadores e recolhedores para operação terrestre e embarcada, que poderão operar no período diurno e noturno em atividades de controle naval do tráfego, inspeção naval, prevenção de ilícitos, pirataria, terrorismo, monitoramento de desastres e operações

de socorro e salvaguarda da vida humana no mar.

O ScanEagle tem 3,1 metros de envergadura, 1,6 metro de comprimento e teto operacional de quase 6 quilômetros. Para ser lançado, os operadores farão uso de uma catapulta – método muito comum para esse tipo de aeronave.

Com peso de apenas 22 quilos, o ScanEagle é abastecido com gasolina e tem autonomia de 24 horas. Sua velocidade máxima é de 150km/h e ele pode ser comandado remotamente a uma distância de 100km.

BRASIL, COLÔMBIA E PERU REALIZAM EXERCÍCIOS TÁTICOS NA TRÍPLICE FRONTEIRA NA AMAZÔNIA

Operação "BraColPer Naval" envolve mais de 400 militares dos três países

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Gisleine Assunção Alves

Foto: Segundo-Sargento-PL Wagner Sousa dos Santos

A operação conduzida pelas Marinhas do Brasil, Colômbia e Peru, conhecida como BraColPer, realizou exercícios táticos visando a proteção da tríplice fronteira e aprofundou a confiança mútua e a interoperabilidade entre as Marinhas participantes.


Os Navios-Patrolha Fluvial "Raposos Tavares" e "Rondônia" e o Navio de Assistência Hospitalar "Oswaldo Cruz" participaram da Operação Naval. Ao todo, foram 35 dias de comissão na Amazônia.

"Anualmente, percorremos cerca de 5 mil quilômetros pelos rios Marañón, Negro e Solimões, realizando

exercícios táticos navais destinados às operações ribeirinhas, enfatizando comando, controle e comunicações", destacou o Comandante do 9º Distrito Naval, Vice-Almirante Thadeu Marcos Orosco Coelho Lobo.

A operação foi dividida em três fases e envolveu mais de 400 militares. As fases I e II foram realizadas no Rio Marañón - o Rio Solimões peruano - entre as cidades de Letícia (Colômbia) e Iquitos (Peru), nos períodos que coincidiram com as datas das Independências desses países, comemoradas nos dias 20 e 28 de julho, respectivamente. Como nos anos anteriores, a fase III, realizada

no estado do Amazonas, ocorreu nos Rios Solimões e Negro, no mês de setembro, justamente por ocasião da comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil.

"A Operação 'BraColPer Naval' 2022 contribui para o fortalecimento de nossos estreitos laços de amizade, o compartilhamento de informações e experiências. Os exercícios conjuntos e a cooperação mútua têm apresentado resultados consideráveis para a defesa da tríplice fronteira, contribuindo para a segurança e para o desenvolvimento da Amazônia", afirmou o Almirante Lobo 

Operação "BraColPer" reúne marinhas em um intercâmbio de conhecimentos



O APRESTAMENTO DA ESQUADRA: OS MEIOS NAVAIS E SEU PESSOAL

Por: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM)

Imagem: Acervo da DPHDM

Uma das primeiras ações militares no decorrer do processo de independência política do Brasil foi a imediata incorporação dos navios de guerra portugueses deixados nas instalações navais do Rio de Janeiro, medida esta tomada pelo Capitão de Mar e Guerra Luís da Cunha Moreira, brasileiro nato e nomeado Ministro da Marinha do Brasil, o primeiro a exercer tal cargo.

Esses navios foram recuperados e rebatizados, vindo a formar o núcleo da primeira Esquadra brasileira. As principais belonaves foram: as Fragatas "União" (rebatizada, posteriormente, como "Piranga") e "Real Carolina" (rebatizada, "Paraguaçu"); e as Corvetas "Maria da Glória" e "Liberal".

Foi fundamental também o trabalho do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, onde foram recuperados alguns dos navios que estavam em mau estado de conservação, sendo a Nau "Martin de Freitas", rebatizada "Pedro I" e tornada o navio capitânia da nova Esquadra; a Fragata "Sucesso", rebatizada "Niterói"; e o Brigue "Reino Unido", rebatizado "Cacique". O Ministério da Marinha adquiriu ainda outros navios importantes, como os Brigues "Maipu", adquirido de David Jewett, ex-oficial da Marinha dos Estados Unidos e que aderiu à causa da Independência, e "Nightingale", de origem inglesa. Ambos foram rebatizados "Caboclo" e "Guarani", respectivamente.

Com poucos brasileiros natos

nos Corpos de Oficiais e Praças para ocuparem os postos de combates nesses navios e com portugueses relutantes em aderir à causa da independência, causando motins a bordo de navios empregados para as lutas contra o domínio de Portugal, o General Francisco Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta organizou o recrutamento de marinheiros na Europa. Tais homens do mar vinham principalmente da Armada Britânica, onde muitos estavam desmobilizados devido ao fim das Guerras Napoleônicas.

Em março de 1823, o escocês Thomas Cochrane, ex-oficial da Marinha britânica, que ajudou os chilenos na vitória contra os espanhóis nas lutas de Independência do Chile, assumiu o comando em chefe da Esquadra brasileira. Para tanto, recebeu o posto de Primeiro-Almirante da Armada Imperial do Brasil.

O aprestamento da Esquadra utilizando o pessoal recrutado e os meios navais adquiridos ou reaproveitados da metrópole portuguesa se fez necessário para o cenário desafiador que se descortinava. Após a proclamação da independência por D. Pedro I apenas algumas províncias aderiram ao governo Imperial. A atuação dos navios que constituíram a Primeira Esquadra foi fundamental para a consolidação da independência assim como a integridade e unidade do vasto território que formava a jovem nação 🇧🇷



Thomas Cochrane. Autoria: James Hamsay e Henry Meyerw

“BRASILEIROS, A NOSSA DIVISA DE HOJE EM DIANTE SERÁ INDEPENDÊNCIA OU MORTE”: NAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Imagens: Wikimedia Commons

A chegada da Família Real Portuguesa, em janeiro de 1808, foi um ponto de inflexão. A transferência do aparato burocrático centralizado no Rio de Janeiro, a autonomia econômica após a abertura dos portos e a elevação do Brasil à condição de Reino Unido (1815) foram fatores responsáveis por forjar uma elite política local. Diante da ameaça de um projeto recolonizador conduzido por Lisboa, a emancipação tornou-se imperativa. Às quatro da tarde de 7 de setembro de 1822, Pedro de Alcântara, às margens do rio Ipiranga, embainhou a espada e vociferou: “Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será Independência ou morte”. O Brasil ascendeu como um Estado soberano cujo projeto político deveria alcançar os seguintes propósitos: a condução do País à civilização, a garantia de sua legitimidade, a formação da identidade brasileira e a coesão do povo, fatores capazes de assegurar a unidade territorial.

Duzentos anos depois, os brasileiros celebram o bicentário de sua Independência. É um momento oportuno para revisitar o marco histórico a fim de entender seu significado e refletir sobre a relevância da história para a sua formação. Eis as questões: qual a relação

entre nação, história e memória? Como a história é capaz de contribuir para a preservação do patrimônio de um povo?

O conceito de nação surgiu a partir da Revolução Francesa (1789) após a ruptura com o Antigo Regime, caracterizado pelo poder absoluto dos reis. Por consequência, era interpretada pelo volume de cidadãos, vinculados ao território, que fornecia o poder ao Estado a partir da soberania popular. A Nação é uma “comunidade política imaginada” segundo o historiador Benedict Anderson. É uma comunidade visto que, apesar das diferenças sociais, há uma identidade comum capaz de garantir sua conexão. Ela é imaginada, pois os seus membros jamais conseguirão conhecer uns aos outros. Mesmo assim configura-se uma comunhão entre eles.

A memória é uma operação coletiva de fatos e interpretações do passado que se quer salvaguardar. As memórias coletivas são formadas quando integradas ao propósito, consciente ou não, de forjar e reforçar o sentimento de pertencimento. Dessa forma, contribuem para que os sujeitos sintam pertencentes ao processo histórico. A história fornece referências do passado para a manutenção da coesão social e das instituições



Por: Jéssica de Freitas e Gonzaga da Silva*

que constituem a comunidade imaginada.

A história é a ciência do homem no tempo. As ideias formuladas pelos indivíduos constituem símbolos e representações da época histórica vivida. Portanto, as narrativas também apresentam função política. No Brasil, essa relação foi estabelecida 16 anos depois do grito do Ipiranga.

Em 1838, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) para reunir as fontes e elaborar uma história brasileira capaz de forjar uma identidade nacional. Era urgente para o país recém-independente reconhecer-se geograficamente por meio do conhecimento sobre o corpo da pátria e, historicamente, para eternizar os fatos memoráveis e as biografias de seus filhos. A Armada Imperial promoveu a criação da Biblioteca da Marinha (1846), o lançamento da Revista Marítima Brasileira (1851), a criação



Museu do Ipiranga

do Museu Naval (1868) e sua inauguração em 1888, além das publicações dos historiadores navais.

O IHGB foi o local de memória onde foram realizadas as interpretações históricas e a sua integração ao projeto de poder do Império do Brasil. Em concomitância, o Ministério da Marinha usou a história naval como instrumento para consolidar a própria instituição e demonstrar o seu papel no processo de formação do Estado. Dessa for-

ma, era possível estimular uma consciência marítima.

Duzentos anos depois, o campo da história não é igual àquele de 1800. Ele sofreu grandes transformações, acompanhando a sociedade. Ainda assim, os documentos, os monumentos, os museus e as instituições permanecem desempenhando importante papel de guardiões da memória coletiva brasileira.

A memória possui relação direta com a construção das narrativas históricas. Elas, por

sua vez, são relevantes para a coesão de uma comunidade imaginária, para o fortalecimento dos laços que unem os indivíduos que compõem uma Nação. Quando os brasileiros conhecem e valorizam sua trajetória, preservam seu patrimônio. Ao compreenderem que esses lugares de memória fazem parte de sua identidade e que podem ser visitados para, diariamente, redescobrirem novos fatos, é possível assegurar sua independência 🚢

Pedro Américo - Independência ou Morte



- * Doutoranda em História, Política e Bens Culturais - Fundação Getúlio Vargas
- * Mestre em Estudos Marítimos pela Escola de Guerra Naval
- * Uma das Autoras do livro *Marinha do Brasil: Uma Síntese Histórica*

Asas da Marinha no Coração

Senhor Almirante Francisco dos Santos

Por: Capitão de Corveta André Vinicius de Souza Dinely

Foto: CB-RV Lucas da Silva Bento Nascimento e Acervo Pessoal

Senhor Almirante e sua esposa, Dona Val

Dos 106 anos da Aviação Naval Brasileira, 48 foram vividos intensamente pelo Sr. Almirante Francisco dos Santos, proprietário de uma cantina no ARES Casa da Praia (CPC), em São Pedro da Aldeia (RJ). O "Zé", como é conhecido carinhosamente pelos militares do Complexo Aeronaval, trabalha no local desde 1974. "É um orgulho muito grande poder fazer parte da Marinha", ressalta.

Nascido em 1955, no interior rural de São Pedro da Aldeia, em uma localidade chamada Sergeira, viveu uma infância pobre e sem recursos, vindo para a cidade apenas aos 18 anos. Ao iniciar sua trajetória profissional era semi-alfabetizado, conhecendo apenas o básico da língua portuguesa. "Trabalhando aqui na Marinha, tinha que me virar com as anotações dos pedidos e comecei a aprender a ler e a escrever corretamente. Foi assim que me alfabetizei". Trabalhando duro e superando as dificuldades impostas pela vida, em 1988 tornou-se o dono da cantina no CPC, de onde tira seu único sustento até hoje.

Em 1982, conheceu sua esposa, Valdineia Oliveira da Silva, conhecida como Dona Val, que também era funcionária da Base Aérea Naval, à época, e começaram um relacionamento que perdura até os dias de hoje, possuindo três filhos juntos. Ela também relata que em seus chás de bebê sempre recebia muita ajuda das esposas dos Oficiais da área. "Era tanta roupa que ganhava, que dava para guardar até para outro chá de bebê!" conta ela, entre risos.

Nesse quase meio século de vida a bordo, o Sr. Almirante é um retrato vivo da história da Aviação Naval em São Pedro da Aldeia: "Quando



cheguei aqui, as ruas eram de barro, chovia e ficava tudo com lama. Havia apenas dois Esquadrões de Aeronaves da Marinha, o HU-1 e o HS-1, e ainda tinha um da Força Aérea, a 2ª ELO (Esquadrilha de Ligação e Observação). Hoje, a Base é enorme, cresceu muito, é cheia de Esquadrões. Conheço os Oficiais Aviadores quando eles entram para o Curso de Aperfeiçoamento em Aviação para Oficiais e nunca mais deixam de ser nossos amigos".

Alguns militares, hoje Almirantes e atuais Comandantes de Esquadrão, eram adolescentes vivendo em São Pedro da Aldeia quando ele doava balas e bombons para a criançada que brincava no CPC. "Lembro que o Almirante Campos (Almirante de Esquadra Marcelo Francisco Campos, hoje Secretário-Geral da Marinha) brincava aqui quando tinha uns 12 anos, e o Almirante Fonseca Junior (Contra-Almirante Augusto José da Silva Fonseca Junior, atual Comandante da Força Aeronaval) era mais novo um pouco. Hoje, as crianças daquela época são autoridades e trazem os filhos para eu conhecer", comenta com alegria.

Em meio a essa convivência

fraterna com a Aviação Naval, criou os três filhos que corriam soltos com os filhos dos militares pelo CPC, após as aulas na escola. Assim, fruto de tamanho envolvimento com a Marinha, todos eles desejaram ser militares. "Nunca forcei eles a nada, quiseram ser das Forças Armadas por conta própria". O mais velho é Capitão do Exército Brasileiro, formado na Academia Militar das Agulhas Negras. A do meio, hoje é Terceiro-Sargento da Força Aérea Brasileira, formada na Escola de Especialistas da Aeronáutica, e exerce a função de Controladora de Voo. O mais novo é Primeiro-Tenente da Marinha, formado na Escola Naval, servindo atualmente na Corveta "Barroso". "É um orgulho muito grande ver meus filhos servindo à Nação, e isso se deve em boa parte à Marinha e a ajuda que sempre recebi dela", relata. Os seus dois filhos mais novos estudaram na Escola Carneiro Ribeiro, em São Pedro da Aldeia, única Instituição de Ensino Fundamental do Abrigo do Marinheiro. "Quem dera todos os pais tivessem a sorte que tive com a educação dos meus filhos".

O Sr. Almirante viveu muitas histórias na Marinha. "A mais

marcante foi quando, em 1978, fiz um bolão para os Oficiais na Loteria Esportiva. Dava bastante dinheiro à época. O Comandante me deu a aposta pra fazer e ele queria que eu fizesse um dos jogos com o Fluminense ganhando. Mas eu achava que o Corinthians que ia levar a partida e mudei a aposta antes de levar na lotérica. Só esqueci de avisar ao Comandante da alteração. O Fluminense acabou ganhando a partida aos 45 do segundo tempo! Quando saiu o resultado da Loteria, já tinha Oficial comemorando que havia ficado muito rico. E eu querendo fugir de todo mundo pois só eu sabia que havia mudado a aposta. Depois que avisei que troquei um dos jogos, foi um corre-corre danado atrás de mim”, relata o Sr. Almiros, que hoje consegue até rir dessa história triste.

Outro momento que o marcou muito foi quando ele estava precisando resolver umas pendências financeiras da cantina, mas se encontrava em crise financeira aguda. E ainda necessitava custear a ida à formatura do filho mais velho

no Exército Brasileiro. “Os Oficiais do Complexo, ao saberem que eu estava com dificuldades financeiras, se reuniram e fizeram uma coleta para tentar me ajudar. Quando me chamaram para receber o cheque, tomei um susto. Foi uma ajuda muito grande. Com ela paguei minhas contas e pude comparecer à festa de formatura do meu filho com minha família. Fico até arrepiado quando lembro disso”.

Hoje o Almiros, o “Zé”, é uma lenda da Aviação Naval, foi agraciado com a Medalha “Amigo da Marinha”, em 1995, e é conhecido e amado por todos os Oficiais do Complexo Aeronaval em São Pedro da Aldeia. “Graças a Deus faço parte da Marinha, sempre tive muito orgulho de tudo o que vivi aqui e tudo o que a Força me proporcionou. Já tenho tempo para ir para casa, viver aposentado, mas enquanto tiver saúde, vou ficar aqui no CPC. Se eu ficar dois dias sem trabalhar acho que fico doente. A Marinha sempre me ajudou, vou sentir muita falta dela quando for embora”, finaliza 🚢



Filhos do senhor Almiros



DESTAQUES NAS MÍDIAS - JULHO A SETEMBRO DE 2022



Instagram: o post mais curtido foi o vídeo do desfile cívico-militar no dia 7 de setembro em comemoração ao Bicentenário da Independência, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A publicação teve 39.525 curtidas e 228.122 impressões.

Facebook: o post mais curtido foi sobre o Navio-Veleiro “Cisne Branco” integrando o circuito do Bicentenário da Independência do Brasil. A publicação teve 32.614 reações e 4.767 compartilhamentos.



YouTube: o vídeo mais curtido foi a *live* do desfile cívico-militar no dia 7 de setembro em comemoração ao Bicentenário da Independência, em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Foram 319.365 visualizações e 20.103 curtidas



Twitter: o *tweet* mais curtido foi sobre o Terceiro-Sargento, Alison dos Santos, que se consagrou campeão mundial dos 400 metros com barreiras. A publicação teve 1.161 curtidas e 186 retweets.





**MARINHA
DO BRASIL**